

EDITORIAL

Cynthia De Paoli

Diferentemente da criação bíblica, que pressupõe a existência de um único Deus exterior ao mundo, criador de todas as coisas, entre elas, o homem, os gregos na antiguidade acreditavam que toda criação, inclusive o surgimento dos deuses, era decorrente da separação das três forças primitivas: Caos, Gea e Eros.

O poder de Eros se exerceria não apenas sobre os seres, mas também sobre os vegetais, minerais, líquidos, fluídos, enfim, estenderia-se a tudo que existe. Eros era um deus que teria o dom de aproximar, misturar e unificar o que estava disjunto, determinando uma atração e união, gerando vida.

Eros seria, fundamentalmente, uma entidade abstrata, um deus portador de força cósmica que engendraria o mundo e, segundo a *Teogonia* de Hesíodo ([700 b.C.] 1995), é quem traria a harmonia ao caos. Esta concepção de Eros enquanto força primordial é bem distinta da conceituação mais conhecida e que foi constituída mais tarde, na época clássica.

Distanciando-se da cosmovisão original, Eros ganha uma fisionomia e um corpo, assemelha-se aos homens. Ele surge como um deus muito jovem, provido de asas, munido de arco e flecha, e que provoca paixões segundo seus caprichos. Mais tardiamente surgem novas narrativas, mais filosóficas que propriamente mitológicas, sobre seu envolvimento com Psyché.

Psyché, por sua extrema beleza, provoca em Afrodite imensa inveja. Esta, sequiosa por vingança, lhe envia o filho, Eros, com o objetivo de vingá-la, punindo Psyché pela audácia em superá-la na aparên-

cia, ao portar feições tão perfeitas. A narrativa prossegue com o envolvimento amoroso de Eros e Psyché, cujo desfecho trágico opera como metáfora do desencontro entre os homens no campo do amor.

É, então, dentro do sentido original de um Eros primevo, anterior ao surgimento dos homens e das coisas do mundo, que a psicanálise vai tomar o mito como via para a compreensão do homem e de seu funcionamento psíquico.

Em suas formulações, Freud recorreu não só à Mitologia como também a modelos oriundos da Física, apoiados em uma dinâmica de forças. Acreditando que o homem se orientava segundo o princípio do prazer, Freud concluiu pela existência de uma força de sentido contrário, que se oporia à descarga total de energia, tendência natural do homem, que implicaria desagregação, morte, retorno ao inorgânico.

Freud contrapõe Eros, a pulsão de vida, a Tanatos, pulsão de morte. Eros, tomado em seu sentido original, é o que permite o laço social, a civilização e a cultura, a unificação do corpo despedaçado no olhar do Outro.

É dentro desse pensamento que *Tempo Psicanalítico* número 39 vem abordar o Erotismo, tema eterno, busca de um encontro, de um sentido que nos oriente frente ao caos. Seguimos, tomados pelo espírito freudiano, na busca de compreender o homem, sujeito atravessado pelo inconsciente, alienado na própria origem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Guirand, F. & Schmidt, J. (1996). *Mythes, Mythologie – histoire et dictionnaire*. Paris: Larousse-Bordas.

Hesíodo. (700 b.C./1995). *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras.